Músicos de rua: ocupação da Avenida Paulista aos domingos

Palavras-Chave: [Musicar Local], [Músicos de rua], [Avenida Paulista]

Mariana Talamini [Instituto de Artes - UNICAMP]

Prof.ª Dr.ª Suzel Ana Reily (orientadora) [Instituto de Artes - UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

A estrutura urbana das cidades está em constante transformação, com a Revolução Industrial, a suas modificações passaram a ser orientadas pela necessidade de escoar produtos e fomentar o consumo, de modo a valorizar o indivíduo e desprezar o coletivo. Dessa forma, passou-se a construir e pensar a cidade sem levar em consideração os cidadãos e as vivências múltiplas que a mesma pode proporcionar. Ainda que a arquitetura e o planejamento urbano sejam pautados nas demandas do mercado e a transitividade seja característica fundamental dos espaços, essas estruturas não deixam de ser contestadas por práticas que desviam da norma imposta, como por exemplo as manifestações artísticas que ocupam os espaços públicos. Os “modos de fazer” (CERTEAU, 1998) dos músicos de rua são práticas que rompem com a lógica imposta e que proporcionam vivências coletivas, demarcando a função social e cultural que as cidades têm para os cidadãos.

A legitimação e garantia das práticas artísticas nas ruas através de políticas públicas são recentes, no caso da cidade de São Paulo, somente em 2014, o prefeito Fernando Haddad publicou o Decreto Nº 55.140 a fim de detalhar e dar meios necessários para que a Lei nº 15.776, de 29 de maio de 2013, fosse executada. Com as disposições a favor das práticas artísticas nas ruas, os artistas das mais diversas linguagens passaram a atuar com mais segurança nas ruas, no que diz respeito à apreensão de seus materiais por guardas municipais, prática muito recorrente anteriormente. Além de garantias legais, projetos como o Programa Ruas Abertas também têm papel crucial na ampliação de espaços para atuação dos artistas de rua, no contexto dessa pesquisa enfatizo a presença dos músicos de rua. Uma das vias que recebe o programa é a Avenida Paulista, transformando o asfalto em palco de inúmeras manifestações artísticas aos domingos e feriados, tendo os artistas a possibilidade de ocupar a Avenida para além das calçadas, sem os ruídos dos motores e buzinas.

Dessa forma, caminhar na Avenida Paulista aos domingos é deparar-se com uma via preenchida pelas mais diversas práticas musicais, como solos de guitarra, valsas tocadas na sanfona por um homem já idoso e melodias provindas de uma corda tensionada nas extremidades de um cabo de vassoura. As performances musicais formam uma diversa e rica malha sonora, reunindo pessoas

que param para ouvir, cantar, filmar, ou até mesmo diminuem a velocidade dos passos para dedicar minutos da sua escuta e olhar aos eventos musicais presentes.

O presente trabalho investiga as práticas musicais dos artistas de rua na Avenida Paulista à luz do conceito de musicar local, compreendendo as intervenções musicais nas ruas para além da performance, englobando todo engajamento em torno da música (SMALL, 1998). Propõem-se uma noção de local a partir de Appadurai, como uma propriedade da vida social, uma “estrutura de sentimentos” (WILLIAMS, 1977), dessa forma, nessa pesquisa, a localidade se dá na conjuntura coletiva possibilitada pela atuação dos músicos e público, afetando individualmente cada pessoa, além de reverberar na relação coletiva e individual que os sujeitos têm com o espaço em questão, a Avenida Paulista.

METODOLOGIA:

Apoiada em uma abordagem qualitativa, esta pesquisa empregou diferentes estratégias metodológicas. O aprofundamento da temática e do escopo teórico da investigação foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, a partir de um levantamento de artigos científicos, livros, revistas acadêmicas, dissertações e teses nas diversas áreas que dialogam com as categorias centrais da pesquisa. Essa etapa é fundamental para a investigação, já que se trata de uma potencialização intelectual apoiada no conhecimento coletivo (GALVÃO, 2010).

Posteriormente, foi realizada uma pesquisa de campo que pode ser dividida em duas etapas. A primeira se trata de uma etapa que buscou lidar com os impactos da pandemia de covid-19 no campo de atuação, já que essa pesquisa teve início em Março de 2020, quando o isolamento social foi imposto como uma medida sanitária. Dessa forma,as práticas dos artistas pesquisados se tornaram inviáveis, já que pressupõem a presença e a ocupação dos espaços públicos. Em visto disso, a primeira etapa consistiu em um mapeamento online, utilizando ferramentas das redes sociais, além de mapeamentos já existentes, como o "Street Music Map: a global research on street music", desenvolvido pelo jornalista e pesquisador Daniel Bacchieri, que através de vídeos feitos por pessoas do mundo todo o projeto já conta com mais de 1700 registros audiovisuais de músicos de rua, incluindo artistas que atuam na Avenida Paulista. Essa primeira etapa possibilitou um canal de comunicação com os músicos que tocavam na Avenida.

A segunda etapa trata-se da atuação presencial na Avenida Paulista, com o avanço da vacinação contra covid-19, as atividades foram retomadas aos poucos, inclusive o Domingo na Paulista – nome dado aos domingos que recebem o Programa Ruas Abertas. Ao longo de 6 meses foi realizada a pesquisa de campo, orientada pela etnografia, acompanhando os musicares na Avenida. Realizou-se registro do campo através de um diário e do uso da fotografia, a qual permitiu “registrar o que dificilmente conseguimos descrever em palavras, seja pela densidade visual daquilo que registramos, seja por seu aspecto mais sensível e emocional.” (CAIUBY NOVAES, 2012).

Após uma aproximação dos músicos de rua, viabilizada pelas duas etapas descritas anteriormente, alguns artistas demonstraram interesse em contribuir com a pesquisa e concederam entrevistas sobre suas práticas. A maior parte das entrevistas foi realizada através de chamadas de vídeo e seguiu um roteiro previamente elaborado a fim de direcionar os compartilhamentos aos objetivos da pesquisa, não deixando de ser flexível, permitindo um aprofundamento do tema investigado. O roteiro envolveu questões sobre como eles se tornaram músicos, quando as ruas apareceram como um espaço possível de se apresentar, a relação dessa prática com a obtenção de renda e as facilidades e dificuldades que surgem na ocupação de espaços públicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Banda Cucamonga, 2022. Acervo Pessoal.

Às 8h da manhã, aos domingos, a Avenida Paulista já começa a ser preenchida por pessoas que levam seus cachorros para passear, outras que vestem roupa de exercício físico e caminham no meio do asfalto, enquanto os artistas já começam a buscar um lugar para performar, procuram uma sombra embaixo de árvores ou ponto de ônibus. Os músicos começam o dia cedo, alguns, com um volumoso número de amplificadores e instrumentos, chegam em caminhonetes ou pequenos caminhões para descarregar, outros, com um amplificador pequeno e um violão nas costas, utilizam carrinhos de carga para se deslocarem. Os amplificadores são de bateria carregável ou dependem da geradores de energia que são levados pelos artistas, já que a Prefeitura não disponibiliza tomadas aos artistas. Na maioria das vezes, as primeiras apresentações começam às 10h da manhã e se estendem até o último minuto da via aberta, às 16h, havendo vezes que continuam a acontecer nas calçadas, para que os carros tornem a ocupar as vias. Ao longos das 8 horas que a Avenida permanece aberta ao público, a diversidade se apresenta nas diferentes práticas musicais que ali ocorrem. Nalla, cantora e compositora, performa desde 2018 na Avenida Paulista, compartilhou[1] que cantar na Avenida é o mais orgânico do seu trabalho e a sensação de se apresentar nas ruas é totalmente diferente de outros espaços em que ela toca, inclusive no que tange a sua

[1] Entrevista concedida à Mariana Talamini, Campinas, 26 mar. 2021. [Entrevista realizada para Iniciação Científica]

relação com o público, pois nas ruas “você está com o seu trabalho no chão, não em um palco”. Vanessa Kim[2], também artista de rua, relatou que tocar nas ruas exige uma coragem diária, porque você faz uma coisa que as pessoas não estão esperando: “é comum um vendedor de melão em uma feira de rua”, exemplifica Vanessa, “mas uma cantora não deveria estar em um bar, um casamento, evento ou um palco?”. Ao longo do trabalho de campo, a maior parte dos artistas relata uma enorme satisfação em realizar práticas musicais nas ruas, por conta da liberdade de tocar as músicas que gostam, de uma uma autonomia maior, quando comparado a shows contratados, além de uma relação genuína e sincera com público, já que o envolvimento com as práticas artísticas é voluntário. No caso do público, o contentamento fica nítido no corpo que dança a canção tocada, no telefone que registra a performance e nos pés que batem o pulso da música. As dimensões cultural e social da cidade se mostram presentes nos compartilhamentos dos frequentadores da Avenida, os quais mencionam a experiência de um show na Paulista referindo-se a uma interrupção de um cotidiano repetitivo e o surgimento de um espaço de trocas afetivas.

Banda Picanha de Chernobill, 2022. Acervo pessoal.

Entretanto, o que para alguns se trata de lazer, para outros se trata da fonte de renda. Nas fotografias presentes aqui, é possível identificar cases de instrumentos à frente dos músicos, nelas são depositadas as contribuições do público, dinheiro que compõe expressivamente a renda dos artistas que se apresentam na Paulista. Grande parte dos artistas relataram viver da renda obtida através do trabalho que desenvolvem nos espaços públicos, dessa forma, as estratégias para terem maior arrecadação também fazem parte do repertório dos músicos, já que as canções amplamente conhecidas, ou mesmo, as músicas que o artista tem maior domínio técnico, no sentido do virtuosismo, são meios utilizados para atrair mais público e contribuições.

Banda Bolero Freak, 2022. Acervo pessoal.

[2] Entrevista concedida à Mariana Talamini. Campinas, 16 abr. 2021. [Entrevista realizada para Iniciação Científica]

CONCLUSÕES:

Ao longo da pesquisa, os musicares na Avenida Paulista se mostraram como pequenas rupturas nas significações de lugar transitório e de passagem atribuídas à via, nas palavras de Gumbrecht (2006) são como “pequenas crises” que se contrapõem ao fluxo repetitivo de acontecimentos no cotidiano (REIA, 2014) e que suscitam experiências estéticas. Dessa forma, enxergar o musicar nas ruas por essa ótica, abre caminhos para pensarmos uma cidade a partir do que é ser cidadão: experienciar, vivenciar e tocar a cidade (FERNANDES e HERSCHMANN, 2014).

Além disso, questões sobre as condições trabalhistas dos músicos de rua foram levantadas, já que muitos deles enxergam nos espaços públicos maior liberdade e sensibilidade a suas práticas artísticas. Entretanto, ainda que existam leis que disponham sobre a presença dos artistas nas ruas, elas atêm-se mais ao que eles têm de obrigações, como lugares, horários e procedimentos para ocupar os espaços (FALCÃO, 2021), do que à seguridade social dos sujeitos, abstendo-se de políticas públicas que garantam a sustentabilidade do trabalho dos mesmos. Ainda assim, como aponta Falcão (2019,) o marketing estético/cultural da cidade faz uso das imagens dos músicos para se beneficiar dos simbolismos de sua arte e potencializar o turismo.

BIBLIOGRAFIA

APPADURAI, Arjun. **“The Production of Locality”. In Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization**. Minneapolis: University of Minnesota Press. p. 178-199,1996.

BACCHIERI, Daniel. **StreetMusicMap: a global research on street music**. Disponível em: <http://streetmusicmelbourne.com/streetmusicmap-global/> Acesso em: 11 de jun. de 2020

BASTOS, Antonio Fagner da Silva.; MELLO, Sérgio Carvalho Benício de. **Paulista aberta: significados da avenida símbolo da cidade de São Paulo**. URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, v. 9, n. 3, p. 521-539, 14 jul. 2018.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. **A Construção de Imagens na Pesquisa de Campo em Antropologia.** ILUMINURAS, Porto Alegre, v. 13, n. 31, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998.

FALCÃO, Denise. **Músicos de rua : luzes e sombras sobre uma prática social contemporânea no Rio de Janeiro e em Barcelona** / Denise Falcão. – São Paulo : EDIFSP, 2021. 349 p. – (Selo Teses & Dissertações).

FERNANDES, Cíntia Sanmartin.; HERSCHMANN, Micael. **Música nas ruas do Rio de Janeiro** [recurso eletrônico] / Micael Herschmann, Cíntia Sanmartin Fernandes - São Paulo: Intercom, 2014.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. In: FRANCO, L. J.; PASSOS, A. D. C. (Org.) Fundamentos de epidemiologia. Manole, São Paulo, 2010.

REILY, Suzel Ana. **O musicar local e a produção musical da localidade**. GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia, São Paulo, Brasil, v. 6, n. 1, p. e-185341, 2021.